

Continência na vida do casal?

(Por Pe Rafael Cerqueira Fornasier – perafael@emanuelnobre.com.br)

Introdução

Abordar o tema da continência no casal pode, de imediato, parecer um contra-senso. Algo que seria um absurdo para muitos e até mesmo para alguns católicos, haja vista que a mentalidade em voga reza que na vida íntima do casal, os dois decidem o que fazer. Atualmente trata-se abertamente da vida ativa sexual de duas pessoas, sem, no entanto, se falar em se conter; o que soaria como repressão, da qual fomos “libertos” através do movimento de maio de 68! Hoje em dia, numa época hipererotizada¹, com frequência a idéia que se tem da relação sexual na vida do casal, mesmo se não exprimida e defendida clara e abertamente, é que, enfim, poder-se-á saciar todos aqueles desejos sexuais provindos de nossas pulsões, ou alimentados por fantasias e fetiches, buscando, a todo custo, o prazer advindo do gozo sexual; ou seja, nada de se conter!

Seria, então, uma intrusão na vida do casal, falar deste tema, a fim de contribuir com uma reta noção da relação sexual e, por conseguinte, uma orientação do comportamento do homem em relação à mulher e vice-versa, almejando a realização da vida afetiva e conjugal²?

No contexto de uma sexualidade bem integrada na pessoa, segundo o projeto do Criador e acessível à razão, a continência vivida por muitos casais se exprime como gesto maduro inerente à relação sexual, que visa o bem dos cônjuges e a abertura à vida.

I – Continência e castidade

Não há como tratar da continência sem inseri-la em um tema mais vasto que a engloba e lhe dá verdadeiro sentido, ou seja, o tema da castidade. E quando falamos da responsabilidade procriativa, assunto no qual se insere esta formação, a virtude da castidade é condição *sine qua non*³ (‘sem a qual não pode ser’). Longe de ser uma virtude reservada aos consagrados, damo-nos conta de como as Escrituras e os documentos emanados do magistério da Igreja, no-la apresentam como vocação de todos os batizados.

Segundo o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, “a castidade é a integração positiva da sexualidade na pessoa. A sexualidade torna-se verdadeiramente humana quando é bem integrada na relação de pessoa a pessoa. A castidade é uma virtude moral, um dom de

¹ Sobre o papel do *eros*, ler-se-á com proveito a encíclica *Deus caritas est* de Bento XVI, nas partes que ele trata da relação deste com o *ágape*, nos n. 3-11. Ver também Melina, L., I- “Homem e mulher Ele os criou” – *Teologia do corpo e diferença sexual. 4- Para concluir: a figura de uma ética sexual cristã*. Seminário lecionado na UCSal, Salvador, 2008.

² Para abordar o tema da sexualidade na vida do casal de forma mais aprofundada, acessível a todos, com fundamentação doutrinal e indicações concretas preciosíssimas, o trabalho do Prof. Felipe Aquino é uma boa referência que acaba de ser editado. AQUINO, F., *Vida sexual no Casamento*, Ed. Cléofas, Lorena, 2010.

³ Cf. MELINA, L., II- *A responsabilidade procriativa na visão católica. 3 - Virtude da castidade e normas éticas*. Seminário lecionado na UCSal, Salvador, 2008.

Deus, uma graça, um fruto do Espírito”⁴. Entenda-se virtude como uma disposição interior estável a buscar e realizar aquilo que é bom e verdadeiro. Em suma, a virtude se caracteriza pela energia investida pela pessoa na busca do bem. Portanto, a virtude da castidade assume o papel de integrar e orientar os desejos provindos das pulsões instintivas e emocionais que estão no homem, visando o verdadeiro amor. “A pessoa casta mantém a integridade das forças de vida e de amor em si depositadas. Esta integridade garante a unidade da pessoa e opõe-se a qualquer comportamento susceptível de ofendê-la. Não tolera nem a duplicidade da vida, nem a da linguagem”⁵.

Assim sendo, a castidade na vida de qualquer pessoa como na vida do casal tenderá a esta harmonia das forças de vida e de amor ao se dar como meta o aprendizado do domínio de si. Este grande empreendimento requer dedicação e desejo de amadurecimento, animados pela graça divina, pois só com o auxílio divino, com as virtudes que dele provêm - nisto a virtude da temperança tem um papel relevante -, poder-se-á colher bons frutos nesta matéria. Tais frutos serão expressão de uma verdadeira liberdade humano-afetiva. Com efeito, aqui podemos falar com mais clareza da continência, não somente como *disciplina exterior*, mas como elemento constitutivo da virtude de castidade. Por isso, na aparente negação das pulsões sexuais e emotivas, nota-se sua abertura à positiva integração na manifestação afetiva de toda a pessoa quando se relaciona com os outros, e, mais ainda, quando da relação sexual. “A continência, na verdade, recolhe-nos e reconduz-nos àquela unidade que tínhamos perdido, dispersando-nos na multiplicidade”⁶. São Paulo elenca a continência entre alguns atributos que designa como frutos do Espírito Santo, na sua carta aos Gálatas: “Ao contrário, o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, **continência** (ἐγκράτεια). Contra estas coisas não há lei”⁷.

Pode-se, então, resumir com Dom Melina o que se pretende aqui evidenciar: “A castidade é o desejo orientado pela razão; é a sensibilidade instintiva e emotiva não reprimida, e sim educada para alcançar a pessoa do outro em sua verdade plena. Ela é virtude do amor verdadeiro, como sincero dom de si e como autêntico acolhimento do outro”⁸.

II – A Castidade preservada pela continência

Não obstante a possibilidade de se compreender a beleza da vivência da castidade na vida de qualquer pessoa e também na vida do casal, nossa natureza enfraquecida pelo pecado original sempre se depara com comportamentos, situações e orientações que tendem a denegrir e desvirtuar o verdadeiro sentido da sexualidade. As atitudes de vigilância e abandono ao socorro da graça divina são capitais. A Igreja, como mãe e mestra, percebe este desafio e busca nas Sagradas Escrituras e na sua Tradição indicações e orientações que são de suma importância quando nos confrontamos com o tema da castidade e da continência. Com efeito, Paulo nos alerta em algumas de suas cartas:

⁴ CCIC, n. 488. Pode-se também fazer a leitura dos nn. 488-494, ou seus equivalentes do Catecismo, que tratam da castidade.

⁵ CIC, n. 2338.

⁶ Santo Agostinho, *Confissões*, 10, 29, 40: CCL 27, 176 (PL 32. 796).

⁷ Gl 5, 22-23.

⁸ MELINA, L., *op. cit.*

Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação; **que eviteis a impureza**; que cada um de vós saiba **possuir o seu corpo santa e honestamente**, sem se deixar levar pelas paixões desregradas, como os pagãos que não conhecem a Deus; e que ninguém, nesta matéria, oprima nem defraude a seu irmão, porque o Senhor faz justiça de todas estas coisas, como já antes vo-lo temos dito e asseverado. Pois Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade. Por conseguinte, desprezar estes preceitos é desprezar não a um homem, mas a Deus, que nos deu o seu Espírito Santo⁹.

Para tirar proveito do discurso de Paulo, é necessário lembrar que ele escreve a convertidos do paganismo, num estilo exortativo e com uma linguagem classificada de parenética, ou seja, que chama à retidão moral. Com efeito, a prática sexual pagã, do início do Cristianismo não seguia necessariamente normas éticas que valorizavam a dignidade da relação humano-afetiva. Elas aparecem com frequência, segundo vários autores antigos, como uma atitude puramente hedonista, por vezes presente no âmbito dos ritos religiosos ou, até mesmo, da vida pública de homens e mulheres de um governo. “A sociedade pagã da qual vieram os cristãos considerava a promiscuidade sexual e o permissivismo perfeitamente normais (Cf. Cícero, *Pro Coelio* 20.48)”¹⁰. Nestes textos, Paulo se ataca a toda sorte de imoralidade sexual como atitude comumente admitida e totalmente irresponsável no que concerne à vocação e, poder-se-ia dizer, à dignidade das pessoas.

Parece-nos que hodiernamente há como um retorno a um certo tipo de paganismo em matéria de sexualidade. Até mesmo em casais cristãos, por vezes a prática da sexualidade é experienciada através de formas inaturais, como por exemplo o sexo oral e anal¹¹. A consciência de muitos se aflige, mas tantos outros, devido à propaganda em larga escala de temas eróticos, acabam sucumbindo. Assim a consciência se enfraquece cada vez mais e se confunde na sua capacidade de avaliar retamente os atos. Toda sorte de permissivismo então floresce em meio aos impulsos sexuais, como fantasias eróticas e experiências a três ou entre casais (conhecido como *swing*).

O Cristianismo soube se demarcar destas práticas desde os primórdios. A propósito da vida dos cristãos, um autor antigo nos diz o seguinte:

Mas o seu modo de viver é admirável e passa aos olhos de todos por um prodígio. Habitam em suas pátrias, mas como de passagem; têm tudo em comum como os outros cidadãos, mas tudo suportam como se não tivessem pátria. Todo país estrangeiro é sua pátria e toda pátria é para eles terra estrangeira. Casam-se como toda gente e criam seus filhos, mas não rejeitam os recém-nascidos. **Têm em comum a mesa, não o leito**¹².

⁹ *1Ts* 4,3-8 ; cf. *Col* 3, 5-7 ; *1Tm* 1, 10.

¹⁰ FITZMYER, J. A., BROWN, Raymond E. e GAST, Frederick, *The Jerome Biblical Commentary*, Vol. II. Tradução nossa. In *Biblia Clerus ICTUS* 3. editado por Arnaud Bouchez, Gradignan, Association Diffusion Informatique Catholique, 1994-2005.

¹¹ Esta delicada questão é abordada de maneira simples e clara pelo Pe Alfrío Pedrini em um livro intitulado *Jovens em renovação: Espiritualidade, afetividade e sexualidade*, 13 ed., Edições Loyola, e em várias videoconferências disponíveis no site da TV Século 21. A relação sexual entre um homem e uma mulher se difere da relação animal pelo face-a-face proporcionado pela própria complementariedade anatômica da pessoa humana.

¹² *Carta a Diogneto* (N. 5-6 ; Funk 1,317-321) sec. II, Liturgia das Horas, Vol. II, p. 757.

A moral cristã, incluindo a verdade da lei natural que se impõe ao homem pela razão, exprime-se sobretudo como a vontade de Deus, que deseja que todos sejam santos à sua imagem. Por isso, podemos entender a exigência da pureza carnal, a fim de que a santidade se estendesse sobre o corpo e suas pulsões sexuais. Eis a vocação da vida cristã: chegar à perfeição que exclui toda desordem espiritual e física. Por que não enxergar aqui o realismo da Encarnação do Verbo de Deus, que opera uma ascensão da natureza humana, abarcando a realidade física do corpo humano?

Todavia, por vezes alguns caíram no erro de matiz platônico que consistirá na negação do corpo e suas potencialidades. Contudo uma leitura atenta do conjunto da obra de Paulo, bem como das palavras do próprio Senhor, se dará conta que não é esta a mensagem do Cristianismo. Ele nos lembra o quanto o corpo é templo do Espírito Santo (cf. 1 *Cor* 6, 15. 18-20), e o quanto devemos administrá-lo com dignidade e respeito – inclusive no respeito do corpo do outro (cf. *Ef* 5, 28-31). Mais uma vez a continência emerge como possibilidade de acolhida do “meu” corpo e do corpo do outro como dom. A continência evidenciará o aspecto do respeito da pessoa como um todo, guardando-se até mesmo do menor gesto ou pensamento que viria a reduzir o outro a um puro objeto do desejo sexual (cf. *Mt* 5,8.27-28).

III – Como conclusão : A continência e a vivência madura da sexualidade aberta à vida

“Eis que homens que ao grito de ‘Avante com o sexo!’ se precipitam sobre o mundo das mulheres em avalanche. Semelhantes ‘donos da criação’, que obstinadamente não querem tornar-se adultos, insistem no fato de que se sentem o impulso ‘natural’, a mulher deve estar à sua disposição”¹³. A esta avaliação realista de Manfred Lütz, pai de família, psiquiatra e terapeuta, contrapõe-se a atitude casta na vida de um casal, em vista do bem da união do mesmo e da abertura à vida. Neste contexto, a continência desponta como elemento essencial da educação afetivo-sexual, cujo papel não será outro senão o de tornar a relação sexual mais humana e bela.

Tal afirmação já é, de fato, experimentada por tantos casais que atualmente assumem uma grande responsabilidade no que tange a procriação, e assim vivem momentos de abstinência sexual¹⁴. Os testemunhos dos esposos que praticam os chamados métodos naturais vão neste sentido¹⁵. Obviamente que a abstinência, que induz a uma disciplina e portanto é fruto da capacidade de se conter, não deve ser vista como sendo somente uma etapa do planejamento da procriação. Por isso, não é simplesmente uma técnica a ser aplicada. Os casais que incluem de forma estável e frutuosa a abstinência em suas relações afetivo-sexuais como sinal de castidade conjugal, dão-se conta de como determinados elementos constitutivos

¹³ Manfred, L., “Valores e motivações do celibato eclesialístico. Inatural é unicamente o vazio espiritual”. In *L’Osservatorio Romano*, sábado, 20 de março de 2010, p. 12

¹⁴ Parece-nos que há uma lamentável lacuna na formação e motivação dos pastores a este respeito. O que se reflete numa grande ignorância até mesmo da parte de líderes pastorais a respeito da ética sexual e familiar. Por conseguinte, o tema é mal compreendido ou visto como deveras inaplicável. Talvez esta desconfiança venha da experiência com o método chamado da “tabelinha” (Ogino Knaus), cuja eficácia, em matéria de responsabilidade procriativa, é reduzida.

¹⁵ O método mais aplicado no Brasil é o de Billings (MOB – Método de Ovulação Billings). Porém, existe também o método da cristalização da saliva e o método de avaliação do colo do útero, quase totalmente desconhecido no Brasil, bem como a possibilidade de confirmação do período fértil da mulher pela temperatura basal.

da união conjugal se desenvolvem em toda sua potencialidade; por exemplo: o diálogo, a comunhão em família, as atenções recíprocas, o serviço, a doação etc.. É significativa a afirmação do texto que citamos acima da *Carta a Diogneto*, que diz que os cristãos não têm o leito em comum e sim a mesa! Nisto vemos uma ênfase do aspecto de comunhão entre as pessoas, mais do que a união puramente física dos corpos.

Num matrimônio adulto, maduro, os *partners* (parceiros) estão atentos também às necessidades do outro. Existem diversos motivos pelos quais temporária ou estavelmente também num matrimônio não é possível viver totalmente a sexualidade genital, quer por uma doença temporária, quer por um impedimento persistente. Neste sentido é válido o princípio : **quem não pode renunciar à sexualidade, não é idôneo para o matrimônio**. Contudo uma *partnership* (relação) deveras madura não é destruída por este fato, mas por vezes é até enriquecida¹⁶.

A abstinência sexual, presente em certos momentos da vida de um casal por diversas razões, assume grande significado numa orientação de um projeto de vida familiar. Os períodos de abstinências sexual desenvolverão no casal a espera e, por isso mesmo, o autodomínio. Por conseguinte, se há no casal um real amor conjugal, a relação física não se reduzirá à busca do prazer que um pode dar ao outro, mas será uma linguagem de ternura, de desejo de comunhão e de prazer partilhado.

Todavia é legítimo se questionar sobre como atravessar tais momentos de abstinência sexual, sobretudo quando a mulher está no seu período fértil e, por isso mesmo, normalmente mais propensa à união sexual¹⁷. Como já foram aqui mencionado, estes períodos de continência no casal serão um motivo de abertura para outras realidades que fundamentam a vida conjugal. A atenção ao diálogo e à ternura entre os dois, a dedicação ao serviço e à atenção recíproca nas pequenas coisas do dia-a-dia, e até mesmo certas carícias, abraços e beijos solidificarão a união e amadurecerão as relações afetivas. Igualmente, a dedicação ao esporte, à música, à arte, ao lazer, será de suma importância, haja vista que a necessidade hormonal ativa no ser humano aí se realizará. Ademais, quando o casal já tem filhos, estes períodos serão propícios para canalizar as energias afetivas para eles, que também solicitam uma relação que passa também pelos gestos afetuosos, castos e amorosos do pai e da mãe¹⁸.

Desenvolver tais atitudes se torna hoje cada vez mais capital para uma relação verdadeiramente adulta. Com efeito, alguns têm procurado fomentar tais atitudes através de palestras, formações e textos, a fim de colaborar com a realização matrimonial¹⁹. Não seria tudo isto uma grande boa-nova para os casais?

¹⁶ Manfred, L., *op. cit.*, p. 12.

¹⁷ Enquanto o desejo sexual masculino está sempre presente, devido à grande quantidade de testosterona, o desejo feminino é mais frágil e variável, pois está relacionado ao ciclo menstrual.

¹⁸ São muitos os especialistas na área da família a afirmar que a falta da relação afetiva, através dos toques, como os abraços, beijos e gestos de ternura, traz sequelas afetivas nos filhos, levando alguns inclusive à tendência homossexual.

¹⁹ O livro de Gary Chapman. *As cinco linguagens do amor. Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge*, 2ª ed. Revisada, Editora Mundo Cristão, São Paulo, 2006, se tornou uma referência mundial neste tema. No que nos concerne, Gary Chapman nos dá preciosas indicações de momentos nos quais o casal desenvolve a atenção recíproca através do toque físico: caminhar de mãos dadas, se beijar ao entrar ou sair de casa, abraçar ou deixar de abraçar em certos momentos, ter relações sexual, etc. Cf. p. 127-145.

Referência Bibliográfica

PIO XI, Encíclica *Casti Connubii*, 1930.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre algumas questões de ética sexual – Persona humana*, 1975.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade humana: Verdade e significado. Orientações educativas em família*, 1995.

G. CHAPMAN, *As cinco linguagens do amor. Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge*, 2ª ed. Revisada, Editora Mundo Cristão, São Paulo, 2006.

F. AQUINO, *Vida sexual no Casamento*, Editora Cléofas, Lorena, 2010.